

1970





Não faltou festa aos tricolores no primeiro título brasileiro

APOTEOSE DA PRIMEIRA MÁQUINA

Jogo 1 - Timão é o Flu Fluminense 1 x 0 Corinthians

Ferreira Gullar, o poeta, escreveu que a folha em branco é a porta da aventura. É o campo de todas as probabilidades. Pioneiro em quase tudo no futebol brasileiro, o Fluminense não foi, porém, o primeiro clube carioca a ostentar um título nacional – o Botafogo conquistou a Taça Brasil de 1968. A porta de entrada para a aventura tricolor rumo ao tetra começaria dois anos depois, quando o Flu levaria um dos Brasileiros mais difíceis de todos os tempos, com muitos dos heróis do Tri, pela seleção, desfilaro seus talentos entre os dezessete clubes participantes da Taça de Prata, oficialmente reconhecida pela CBF como Campeonato Brasileiro, em dezembro de 2010.

A folha antes em branco começou a ser rascunhada por Flávio num longínquo 26 de setembro de 1970. Foi ele, o centroavante tricolor, quem encetou o primeiro dos quatro títulos brasileiros da história do Fluminense, ao marcar, de pênalti, o gol que deu a vitória simples sobre seu ex-clubes, o Corinthians, no palco sagrado do Maracanã.

Era só a partida inaugural do Flu, mas obtida contra um adversário de peso, que tinha ninguém menos que Rivellino em seu meio de campo. O craque era, por sinal, a grande esperança da recém-fundada Gaviões da Fiel de fazer do Corinthians o melhor time do país naquele ano, mas o plano naufragaria, já que nem para o quadrangular final o clube paulista se classificaria.

Apesar de magro, o resultado da estreia do Fluminense no Campeonato Brasileiro foi justo, em face do amplo domínio exercido pela equipe tricolor desde o primeiro tempo, em que Ado, reserva de Félix na seleção, fora a maior figura corintiana em campo.

Félix, por sinal, desfalcara o Tricolor neste confronto, decorrência de uma contratação na coxa. Assim, coube a Jorge Vitória a missão de manter o zero do Corinthians no placar, embora não houvesse tido de se esforçar tanto para isso.

No segundo tempo, a entrada de Samarone aumentou ainda mais o poder de fogo do Flu. Seguidas contusões o impediam de atuar no esplên-

dor da sua forma. Ainda assim, o Diabo Louro era tido como arma poderosa do time, tanto que foi dele o passe para que Lula sofresse o pênalti cometido por Osvaldo. Ado se esticou todo, mas a precisão do chute de Flávio, o Fred dos anos 1970, lhe foi fatal.

A caminhada para a conquista do primeiro Brasileiro do Fluminense começava, assim, da mesma maneira que se iniciaria a campanha do tetra, 42 anos depois – com uma vitória por 1 a 0 sobre o Corinthians. Como se houvesse sido pouca a coincidência, fora também a popular agremiação paulista o adversário do Flu na decisão do título mundial (Copa Rio), cujo sexagenário do triunfo foi comemorado justamente no ano do quarto Brasileiro tricolor.

Timão é o Flu.

Jogo 2 – Desbancando o “melhor do Brasil”

Fluminense 2 x 1 Cruzeiro

Com a confiança em alta pela convincente vitória na estreia, o Fluminense teria de fazer bom uso dela para superar, logo na segunda rodada, o seu maior desafio – o Cruzeiro, de Tostão, tido como o melhor time do país na época.

Destaque cruzeirense, Tostão sequer se importava de jogar um pouco mais atrás, diferentemente de seu posicionamento na seleção, mais adiantado, rodando na frente. Sentia-se em plena forma. Exibia-se em melhores condições até do que Pelé. Tinha, por isso, fome de bola, como disse à reportagem do *Jornal dos Sports*.

Além dele, compunham ainda a equipe celeste jogadores como Raul, Piazza, Zé Carlos, Dirceu Lopes e Natal, justificando a condição de favorito não só no confronto como também do campeonato. Mas Tostão respeitava o Fluminense. Considerava-o um time perigoso.

Em campo, o Tricolor fez jus às palavras do craque, pois, com uma atuação antológica, foi impecável do começo ao fim da partida. Ao Cruzeiro, restou a luta, mas, dominado, não teve sucesso senão no gol de Evaldo, logo aos 15, que em nada intimidou o Fluminense. Pelo contrário: o time de Paulo Amaral sabia exatamente o que queria em campo. Nem Tostão teve vez; sofreu marcação cerrada de Didi, tolindo o astro em suas ações.

Com gana de vitória, de fazer sucesso, o Fluminense chegava sempre com perigo pelas pontas. Jogando o fino, não tardou para que empatasse, com Lula, apenas 12 minutos depois da abertura do placar. Ainda que Raul se desdobrasse para evitar a derrota, esta se tornou inevitável dian-

te do massacre tricolor. Os times ainda nem bem tinham esquentado no segundo tempo quando o Flu virou a partida, também com Lula, que arrancou da intermediária e tocou sobre o goleiro.

Triunfo tricolor. O Fluminense se enchia de moral. A exibição tricolor no Maracanã foi qualificada pela crônica esportiva da época como uma das maiores já realizadas no estádio.

O Flu começava a se agigantar.

Jogo 3 - Ao apagar das luzes

Fluminense 2 x 1 Grêmio

O adversário do Fluminense na terceira rodada, em tese, não era tão complicado quanto o Cruzeiro de Tostão. A partida, porém, em função de uma jornada não muito inspirada do time tricolor, seria bem mais complicada. Ainda assim, o Flu manteria a invencibilidade de 100 por cento na competição com uma vitória de virada, ao apagar das luzes, e de maneira inusitada, com uma falha clamorosa do goleiro gremista Arlindo, consolado até pelo árbitro Armando Marques após o lance.

Compaixão, como a do juiz, não teve o Fluminense, que, depois de sair atrás, com um gol de Paraguaio, a despeito de sua atuação engessada – o time não conseguia se livrar da rígida marcação do Grêmio –, melhorou com as entradas de Wilton e Cláudio, a 15 minutos do fim. A dupla trouxe um pouco de dinamismo à equipe, confundindo a até então sólida defesa do adversário.

Não tardou para que o Fluminense chegasse ao empate. Após cobrança de um escanteio, Lula pegou de primeira, estufando as redes de Arlindo. O gol incendiou os 30 mil tricolores que foram ao Maracanã naquela noite de quarta, na esperança de assistir à manutenção da invencibilidade tricolor – preferencialmente, com mais uma vitória.

E ela veio aos 41 do segundo tempo, depois que Marco Antônio arriscou um chute de longa distância. Apesar da pouca potência, Arlindo aceitou, deixando que a bola passasse por baixo de suas mãos. Era a virada tricolor.

Visto com ressalvas no início do campeonato, o Fluminense já começava a chamar a atenção de adversários e da crônica esportiva.

Jogo 4 - Baile no Diabo Fluminense 3 x 0 América

O técnico do Fluminense, Paulo Amaral, havia dito antes da partida contra o América que a comissão técnica planejava a conquista de ao menos sete dos oito pontos na série de quatro partidas que o Tricolor faria em casa na largada do Campeonato Brasileiro (à época, a vitória valia apenas dois pontos). Mas o Flu sabia que tinha “caixa” para ir além.

O Fluminense estava ainda com o América atravessado na garganta. Um empate com o time da rua Campos Sales na reta final do Estadual havia comprometido a luta da equipe pelo bicampeonato da competição.

Inspirado, talvez, nos três dentes incandescentes da forquilha do Diabo, mascote rubro, o Fluminense devolveu com juro e correção monetária o tropeço na competição doméstica, marcando em dose tripla, numa tarde inspirada de Flávio, até então tímido na arte de balançar as redes naquele Brasileiro.

O momento mágico do futebol que andara lhe faltando foi compensado com uma boa atuação do centroavante tricolor, que marcou o segundo e o terceiro gol da goleada por três a zero. E, de relance, Flávio passou de “devedor” a artilheiro do campeonato, com três gols, ao lado de Claudiomiro, do Internacional, e Luciano, do Santa Cruz. Samarone fez o primeiro.

A quarta vitória do Fluminense, líder do Grupo B, igualou o feito do Palmeiras, que também havia vencido todos os seus quatro primeiros jogos. A campanha invejável já começava a causar alvoroço na imprensa, que exaltava mais um triunfo do clube carioca no Brasileiro: “Flu é a nova Máquina”, escreveu o *Jornal dos Sports*.

O tempo e o destino, convictos, mostrariam que o JS tinha razão.

Jogo 5 - O primeiro revés Bahia 1 x 0 Fluminense

Após a realização de quatro partidas em solo carioca, o Fluminense faria uma “incurião” no Nordeste, onde teria de montar uma trincheira para os confrontos contra Bahia e Santa Cruz. Não seria fácil, pois o time baiano havia se reforçado com vários jogadores de São Paulo e o Santa Cruz estava embalado pela conquista do bicampeonato estadual, série de títulos que só pararia no penta, em 1973.

Desfalcado do zagueiro Assis, o Fluminense sucumbiu ao volume de jogo do Bahia e sofreu a sua primeira derrota no Campeonato Brasileiro,

perdendo a invencibilidade e o aproveitamento de 100 por cento na competição. Zé Eduardo, autor do gol único, foi o carrasco tricolor.

Jogo 6 - Picada na Cobra Coral **Santa Cruz 0 x 1 Fluminense**

A derrota do Fluminense para o Bahia logo em seu primeiro jogo fora de casa suscitou a dúvida: seria o Tricolor um time caseiro? O próprio Flu tratou de dirimir o ponto de interrogação, acabando logo com conjecturas acerca de seu desempenho esportivo na competição, ao vencer o Santa Cruz por 1 a 0, na Ilha do Retiro. Flávio, com um gol ainda no primeiro tempo, confirmou a vocação de grande artilheiro, marcando pela quarta vez em seis jogos.

A atuação firme do Fluminense em Recife endossou o que o capitão tricolor Denílson havia dito às vésperas do jogo. O Rei Zulu, considerado o ponto de equilíbrio da equipe, garantia a solidez tricolor, apontando o seu time como um dos candidatos a integrar o quadrangular final do Brasileiro.

Denílson acabaria expulso, como o seu companheiro Wilton. Ambos perderam a cabeça e reagiram ao jogo violento do Santa Cruz, a Cobra Coral do Nordeste.

Que, picada, desta vez levou a pior, provando do veneno tricolor.

Jogo 7 - Choque de Tricolores **Fluminense 1 x 1 São Paulo**

Com cinco vitórias em seis partidas, o Fluminense seguia firme na liderança do Grupo B. Depois de dois difíceis desafios no Nordeste, o time voltava ao Rio para um confronto contra o poderoso São Paulo, que tinha Gérson, o Canhotinha de Ouro, no comando de seu meio de campo. O craque havia sido aclamado o maior meia do planeta após seu desempenho na Copa do México, vencida pelo Brasil. O uruguaio Pedro Rocha era outro que preocupava o técnico Paulo Amaral, que pediu forte marcação sobre ele. Silveira, que substituiria Denílson, expulso contra o Santa Cruz, foi o encarregado de anulá-lo.

Apesar do gramado pesado, o Fluminense se impôs, o que fez com que o São Paulo praticamente só se defendesse. Gérson até tentava enfiar uma bola ou outra, mas quem brilhou mesmo foi outro tricampeão do mundo, Marco Antônio, que numa linda jogada individual colocou o Flu em vantagem.

O Tricolor tinha mais volume e poderia até ter feito outros gols, não fossem os inúmeros erros de finalização. O castigo viria a galope, ou melhor quicando, já que o toque no campo molhado traiu Félix depois de um chute de fora da área de Gérson.

Era apenas o primeiro tropeço do Flu diante de sua torcida. Pela tradição do adversário, os ferimentos foram leves.

Jogo 8 - Congelando no Sul Internacional 2 x 0 Fluminense

Os ventos gélidos do sul do país fizeram mal ao futebol do Fluminense, que, contra o Internacional, sofreu a sua segunda derrota no Campeonato Brasileiro. Verdade que a história do jogo poderia ter sido diferente se o atacante Flávio não tivesse desperdiçado um pênalti aos 20 minutos do segundo tempo, defendido por Gainete, quando o time já perdia por 1 a 0, com um gol de Valdomiro.

Depois disso, quando o time partia com tudo para colher no mínimo um empate fora de casa, foi surpreendido pelo atacante colorado Mosquito, que acabou com as pretensões tricolores de sucesso na partida.

Jogo 9 – Lubrificando a Máquina Fluminense 3 x 1 Vasco

Uma vitória de 5 a 1 sobre o Santos de Pelé, três rodadas antes, alçara o Vasco ao posto de uma das forças do campeonato. Se já tinha uma equipe respeitável, com Dé e Silva formando a dupla de área, depois da exibição contra o Peixe, o time dirigido por Tim passou a ser visto com outros olhos pelos adversários.

No Fluminense, ainda em decorrência da expulsão contra o Santa Cruz, Denílson, para alívio de Dé, mais uma vez desfalcara a equipe. O atacante cruz-maltino considerava o Rei Zulu um dos mais perfeitos marcadores do futebol brasileiro.

Mas seu substituto, Silveira, desequilibraria. Seria ele simplesmente a maior figura em campo no clássico. Faria, inclusive, o segundo gol tricolor na vitória por 3 a 1. Nela, Flávio se redimiria do pênalti perdido no Beira-Rio e abriria a contagem. Caberia ao lateral esquerdo Marco Antônio, a 12 minutos do fim, dar números finais à partida, depois de o Vasco esboçar uma reação com um gol de Benetti, aos 9 da etapa final.

Era o quarto triunfo do Fluminense sobre o Vasco só naquele ano – um deles, 45 dias antes, no que deveria ter sido uma festa pelo título estadual vascaíno, o Tricolor aplicou categóricos 2 a 0.

Sempre elegante, o técnico Tim reconheceu a superioridade do adversário, dizendo ter sido o Flu “o dono do campo”. Já o *Jornal dos Sports*, em sua edição do dia seguinte, faria coro às palavras de Tim. “Máquina a todo vapor”, estampou.

Quem a pararia?

Jogo 10 – Banho na Macaca Fluminense 6 x 1 Ponte Preta

Contra a Ponte Preta, o Fluminense não faria a sua melhor exibição, mas a vitória acachapante por 6 a 1 sobre o time paulista seria a maior goleada do time no Campeonato Brasileiro.

A despeito da qualidade do time da Ponte – um dos melhores já montados pelo clube até hoje, com Manfrini, que seria depois um ídolo tricolor, integrando a sua linha de frente –, era jogo para Flávio se faltar. Astuto, o artilheiro tricolor soube aproveitar os generosos espaços deixados pela Macaca e marcou metade dos seis peixes que morreram nas redes do goleiro Wilson.

Lula, duas vezes, e Didi marcaram o outro trio de gols da equipe, que só no primeiro tempo terminou vencendo por 4 a 0. Nos últimos 45 minutos, o Fluminense diminuiu um pouco o seu ímpeto, já pensando no jogo que teria na sequência, contra a Academia de Ademir da Guia.

E a Macaca, que já deixara o campo molhada pela chuva, teve de tomar outro banho – este dado por um Tricolor implacável.

Jogo 11 – Academia do Rio Palmeiras 0 x 3 Fluminense

O Palmeiras tinha um timaço em 1970. Era também uma fortaleza, pois contava com uma defesa intransponível, inexpugnável. Chegara a este estágio da competição com incrível um gol sofrido. Em virtude do futebol jogado com extrema classe e técnica, o time, sob a batuta do craque Ademir da Guia, fora alcunhado pelos próprios adversários de Academia de Futebol. Sua invencibilidade era tão longa (dezenove jogos) que nem de binóculo alguém poderia enxergar a última vez que aquele esquadrão havia sido derrotado. Liderava, por isso, o Grupo A com folga.

Para este desafio, milhares de tricolores se deslocaram até o Morumbi. Pareciam imaginar que assistiriam a uma daquelas partidas imortais. Como acabaria sendo-a, de fato, pois o Fluminense sobrou em campo. Na arquibancada, palmeirenses, que pareciam ser minoria entre os quase 25 mil presentes, abriam a boca desmesuradamente de pasmos. A Academia estava na roda, era surpreendida por uma equipe que parecia jogar em outra dimensão. Cumpria o Flu uma das exibições mais perfeitas de sua história. Os setores jogavam em total sincronia, o que anulava por completo qualquer tentativa de jogo do Palmeiras. Nem Ademir se salvava. O craque alviverde sofria com a marcação implacável de Didi, que grudara como carrapato em seu pé.

Desta maneira, envolto como uma presa, o Palmeiras foi vendo sua rocha defensiva sendo penetrada e vazada em quantidade, pois Flávio, a exemplo do que havia feito contra a Ponte Preta, voltou a marcar em dose tripla, chegando ao seu 11º, o que deixou o artilheiro com a excelente média de um gol por jogo no campeonato. Félix ainda defenderia um pênalti mal marcado no fim do primeiro tempo. Também injusta foi a expulsão da estrela da partida, Flávio, numa interpretação equivocada do árbitro José Luis Barreto.

Mas nada tiraria o brilhantismo da histórica vitória. Prova é que, quando deixava o estádio, a delegação tricolor foi demoradamente aplaudida por torcedores do Palmeiras, numa bonita prova de reconhecimento da exuberância do futebol jogado por um Flu absolutamente encantador.

Jogo 12 – Empate no Clássico Vovô Botafogo 1 x 1 Fluminense

Depois da atuação de gala contra a Academia de Ademir Menezes, uma certa autossuficiência tomou conta dos jogadores do Fluminense, que só empatou com o Botafogo na rodada seguinte, no Maracanã.

Mickey, o substituto de Flávio, suspenso, mostrou ter também vocação para artilheiro e, logo de cara, tabelou com Samarone antes de desferir um petardo no fundo do gol de Ubirajara. A vantagem precoce no marcador serviu para que time Tricolor passasse a enfeitar jogadas, deixando de lado a objetividade do jogo.

O Botafogo, então, se aproveitou disso e empatou com um gol de falta de Paulo César Caju, considerado a maior figura em campo.

Apesar do 1 a 1, o Fluminense seguia na ponta do Grupo B, com dezoito pontos em doze jogos.

Jogo 13 – Peixe indigesto **Santos 1 x 0 Fluminense**

Apesar de contar com ninguém menos que Pelé, o Atleta do Século, o Santos atravessava um período difícil esportivamente. O time não vencia uma partida havia oito rodadas, o que o afastou da briga por uma vaga para o quadrangular final do Campeonato Brasileiro.

Com o Fluminense vivendo um momento antagônico, o técnico do Peixe, Antoninho, reconhecia o favoritismo tricolor: “O Fluminense será o nosso adversário mais difícil.” Opinião corroborada até por Pelé. “A responsabilidade de vitória deles é maior. Por isso, não será fácil derrotá-los”, apostava.

Mas para azar do Flu, foi contra ele que o Santos terminou com o seu jejum particular de vitórias. Abel, logo aos três minutos, marcou o gol solitário do jogo. Era o terceiro ponto perdido em duas rodadas.

As gordurinhas, antes armazenadas, começavam a rarear.

Jogo 14 – A Grande Guerra **Flamengo 1 x 1 Fluminense**

Uma partida muito violenta, longe das tradições do Fla-Flu, marcou o Clássico das Multidões, válido pela 14ª rodada do Campeonato Brasileiro. Ao Tricolor, um empate não seria mau negócio, pois manteria o rival, que lutava diretamente com ele por uma vaga no quadrangular final, longe do seu encaixe.

Mais de 80 mil torcedores foram ao Maracanã assistir a um duelo que se mostraria decisivo só ao Rubro-Negro, que, ao apito final de Romualdo Arpi Filho, teria relativamente diminuídas suas chances de sucesso na competição.

Os gols marcados por Zanata e Cafuringa ainda no primeiro tempo trouxeram um pouco de frescor a um certame quase o tempo todo truncado, desleal em vários momentos. Curioso que não houvesse jogadores expulsos neste Fla-Flu com cara de luta livre.

Mas as botinadas eram apenas o retrato de uma paisagem de muitos mundos, a Grande Guerra, decantada por Nelson Rodrigues. Enquanto morria um mundo e começava outro, tal como os milhares de tricolores presentes ao estádio, o Profeta só via o Fluminense.

Jogo 15 – Vaga ameaçada **Atlético-MG 3 x 1 Fluminense**

Na semana do decisivo jogo contra um embalado Atlético-MG, treinado por Telê Santana, o Fluminense ganhara um baita problema: o lateral tricampeão do mundo Marco Antonio, com um estiramento muscular, se contundira com relativa gravidade e sua presença no Mineirão estava ameaçadíssima.

Precavido, Paulo Amaral fez testes na posição com Toninho, que, hábil e com excelente vigor físico, também era um jogador confiável. Acabaria jogando, mas não evitaria a derrota por 3 a 1 para o Galo, resultado que trouxe grande apreensão a todos nas Laranjeiras, pois, depois de uma campanha empolgante, o Tricolor, se não vencesse o Atlético-PR na última rodada, dependeria de terceiros para ficar com uma vaga no quadrangular final.

Para piorar, o destino, de maneira insidiosa, estava mesmo disposto a aprontar com o Flu: o artilheiro Flávio deixaria o gramado também com suspeita de haver tido um estiramento muscular e não jogaria mais no Campeonato Brasileiro. Mickey, selecionado pelo treinador, se transformaria, repentinamente, na esperança de gols de um time que pouco marcara nas últimas rodadas.

Contra o Furacão, seria matar ou morrer!

Jogo 16 – Classificação na raça **Atlético-PR 1 x 1 Fluminense**

O Fluminense acordara com uma excelente notícia: a derrota do Flamengo para o Corinthians, na véspera, tirava do time tricolor a obrigação da vitória. Agora, para se classificar ao quadrangular final, bastaria o empate contra o Atlético-PR.

O atacante Mickey, em que pesasse a árdua tarefa de substituir um artilheiro como Flávio, prometia não decepcionar a torcida. E honraria a sua palavra, pois seria dele o gol tricolor logo aos dois minutos de jogo. O tento praticamente selava a vaga do Fluminense. Na jogada, Mickey pegou a bola ainda na intermediária de ataque, avançou com ela e chutou da entrada da área. Sem potência no chute, Mickey venceu Paulista com um rútilo peteleco.

Dirigido pelo bicampeão mundial Djalma Santos, o Atlético-PR ainda empataria antes do intervalo, com Valmor, num lance irregular, em que o bandeira não acusou o impedimento de Liminha, que iniciara a jogada.

O gol trouxe certa apreensão, pois, se sofresse a virada, o Fluminense ficaria de fora das finais da competição. O segundo tempo, porém, terminou sem gols e o Tricolor pôde, enfim, comemorar a classificação, conquistada à base de muito sangue, suor e lágrimas.

Palmeiras, Cruzeiro e Atlético-MG, três timaços, seriam os adversários do Fluminense nas finais. O Tricolor, porém, já se orgulhava só do fato de estar entre as quatro maiores equipes do país.

As Sandálias da Humildade já eram calçadas desde 1970.

Jogo 17 – Supremacia tricolor

Fluminense 1 x 0 Palmeiras

Depois de viver o drama de deixar para decidir a vaga na última rodada, o Fluminense se preparava para viver as emoções do quadrangular final do Campeonato Brasileiro. Naquele ano dourado, o time se punha entre a nata dos grandes esquadrões do nosso futebol. Palmeiras, Cruzeiro e Atlético-MG tinham, como o próprio Flu, equipes duríssimas de serem batidas, recheadas de craques que, meses antes, haviam ajudado a seleção a ficar em definitivo com a posse da Taça Jules Rimet.

Logo em seu primeiro desafio, o Fluminense toparia com um adversário que tinha sede de vingança. Campeã da Taça de Prata de 1969, a Academia do Palmeiras ainda não havia digerido a goleada sofrida na primeira fase e chegara ao Rio com um discurso que representava o pensamento de praticamente todos os jogadores. “Do Fluminense, ganhamos seja lá onde for.”

Fora de combate, o atacante Flávio seria mais uma vez substituído por Mickey, que já havia ganhado a confiança da torcida, principalmente depois que marcou o gol que garantiu a classificação tricolor às finais.

Antes de a bola rolar, uma nuvem de pó de arroz cobriu o Maracanã. Eram mais de 50 mil tricolores, que jogariam junto com o time, tal como um 12º jogador. Largar na frente seria fundamental, sobretudo porque, na rodada seguinte, o Flu enfrentaria o indigesto Cruzeiro de Tostão em Belo Horizonte.

E, mais uma vez, Dudu e Ademir da Guia não se criariam sobre um Flu implacável na marcação. Didi e Denílson, depois de sofrerem um pouco, tornaram-se soberanos no cerco aos craques, impedindo investidas de maior perigo do time paulista no segundo tempo.

Com a retaguarda segura, o Fluminense foi ao ataque e conseguiu o seu gol quando a partida já caminhava para o final. Mickey, mais uma vez,

seria o herói, ao marcar a 11 minutos do encerramento. Auxiliado pelos deuses, executou, com maestria, uma cabeçada que surpreendeu Leão.

A torcida enlouqueceu nas arquibancadas com o novo triunfo do Tricolor sobre a Academia, provando que, ao contrário do que discursavam os jogadores alviverdes, raios caem sim duas vezes no mesmo lugar.

Jogo 18 – Mais perto do paraíso

Cruzeiro 0 x 1 Fluminense

O empate por 1 a 1 entre Atlético-MG e Cruzeiro na primeira rodada foi visto como excelente nas Laranjeiras. Com a vitória do Fluminense sobre o Palmeiras, o time largava na frente no quadrangular e seguia dependendo unicamente de seus esforços para se sagrar campeão brasileiro.

O atacante Mickey, que havia marcado os gols tricolores nas últimas duas partidas, era merecidamente exaltado pelo técnico Paulo Amaral. “Mickey é lutador, dedicado e brioso. Sequer sente o peso de entrar no lugar de um homem-chave da equipe (Flávio).” O jogador do Flu recebia elogios até de adversários. Homem de defesa do Cruzeiro, Brito chamou a atenção para o fato de que o Tricolor tirava um homem-gol e colocava outro sem que isso interferisse no rendimento do time. “Flávio tem um apetite de gol impressionante, mas Mickey não fica atrás.”

Brito sabia o que dizia, pois, pelo terceiro jogo seguido, Mickey estaria iluminado. Foi dele, de novo, o gol da vitória do Flu sobre aquele que era considerado o melhor time do país, com jogadores como Raul, Brito, Fontana, Zé Carlos, Piazza, Dirceu Lopes e Tostão.

Mas não seria fácil, pois além de um time muito qualificado, com Tostão jogando o fino, o Fluminense teria de driblar a arbitragem tendenciosa de Sebastião Rufino. O juiz foi rigoroso na expulsão de Samarone, mas deixou de aplicar o mesmo critério ao não mostrar o cartão vermelho a Natal, que o peitou, e Brito, que chutou Toninho quando este estava no chão.

Apesar dos espinhos e até de uma certa deslealdade do time do Cruzeiro, era natural que os jogadores do Flu, ainda em campo, comemorassem muito a heroica vitória. O Tricolor estava agora a um simples empate do paraíso. O adversário seria o Atlético-MG, que já o havia derrotado na primeira fase. Seria mais uma pedreira, sem dúvida. Mas o Flu estava com cara, pinta e alma indomável de campeão.

E tinha Mickey.

Jogo 19 – Explosão em três cores Fluminense 1 x 1 Atlético-MG

A mais doce, fiel e vibrante torcida do mundo estava indócil com a possibilidade iminente de se sagrar campeã brasileira pela primeira vez. Torcedores que haviam ido a Belo Horizonte assistir à vitória sobre o Cruzeiro já faziam festa na chegada dos ônibus ao Centro do Rio. Já a delegação tricolor, no desembarque no aeroporto, também não escondia a certeza íntima da conquista. Ela estava estampada no rosto de cada jogador.

Como o de Mickey, carregado em triunfo por tricolores. O atacante tornara-se peça fundamental na reta final, decidindo todas as partidas para o Fluminense, o que fez dele um ídolo. Na comemoração de seus gols, fazia com os dedos a letra “v”, alusiva ao símbolo de paz e amor.

Paz, como o branco da vistosa camisa do Flu, e amor, como o da fantástica torcida tricolor pelo seu clube. Amor maior, por sinal, não poderia haver. Nem há. Mais de 100 mil tricolores lotaram as dependências do Maracanã para recepcionar o time, que estava a um empate de fazer história. Mas o Atlético-MG, com uma equipe notável, também tinha os seus objetivos. Dirigido por Telê Santana, precisava da vitória para conquistar o vice-campeonato e se classificar para a Copa Libertadores da América.

Nada, porém, atrapalharia a caminhada da equipe de Paulo Amaral rumo à glória. O Fluminense estava iluminado. Mickey, mais uma vez, andava acompanhado de uma luz específica e deslumbradora, que caracteriza os tricolores, como dizia Nelson Rodrigues. Seria dele também o gol do título. No lance, já eternizado, o atacante aproveitou um cruzamento perfeito de Didi para acertar uma bela cabeçada no ângulo do goleiro Renato. Um golaço, que enlouqueceu a massa, que urrava de prazer nas arquibancadas. Mickey era de novo o herói, um verdadeiro super-herói.

Havia jogo ainda, mas agora disputado sobre um gramado pesado, consequência de um temporal que havia desabado no intervalo. E foi sobre ele, na única falha de marcação do Flu, que Vaguinho aproveitou para empatar no começo do segundo tempo.

Mas ao apito final de Favilli Neto, o 1 a 1 ganhara sabor de goleada, de título, do tamanho do país. Com uma campanha arrebatadora, o Fluminense era pela primeira vez o campeão do Brasil – e, justamente, no histórico ano do Tri da Seleção.

Dentro do estádio, a multidão comemorava extasiada o triunfo. Do lado de fora, buzinas ressoavam por todos os cantos da cidade. Bandeiras

da alegria e da celebração eram desfraldadas e empunhadas. A festa era tricolor. Até o alvorecer de um novo dia.

Ou de uma nova conquista.

Resumo da campanha:

Time base: Félix, Oliveira, Galhardo, Assis e Marco Antônio; Denílson e Didi; Cafuringa, Flávio (Mickey), Samarone e Lula.

Técnico: Paulo Amaral

Jogos: 19

Vitórias: 10

Empates: 5

Derrotas: 4

Gols pró: 29

Gols contra: 16

Saldo: 13

Artilheiro: Flávio, com 11 gols